

ARQUIVO, BIBLIOTECA E MUSEU COMO ESPAÇOS DE CULTURA E PRESERVAÇÃO: uma experiência docente

PATRIMONIAL INSTITUTIONS, PRESERVATION INSTITUTIONS: a teaching experience

Cláudia Maria Alves Vilhena¹
Célia da Consolação Dias²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência em docência universitária no curso de Biblioteconomia, de uma universidade pública brasileira. Esta experiência foi vivenciada por uma doutoranda no estágio docente de um Programa de Pós-Graduação na área de Ciência da Informação. A disciplina ministrada denominou-se “Instituições Patrimoniais, Instituições de Preservação”, cujo objetivo foi mostrar para os discentes a importância das instituições patrimoniais (arquivo, biblioteca e museu) como espaços de cultura e preservação, bem como as convergências e divergências existentes entre estas unidades de informação. A metodologia para o desenvolvimento deste estudo teve como referência um estudo descritivo-analítico, tipo relato de experiência em docência universitária, conduzido no segundo semestre de 2018, entre os meses de agosto e outubro. O resultado alcançado com o estágio de docência permitiu evidenciar que esta atividade possibilita ao doutorando um primeiro contato com a prática docente no ensino superior e a oportunidade de desenvolver práticas didáticas, relacionar-se com alunos da graduação e discutir com o supervisor do estágio suas experiências e expectativas em relação a prática vivenciada, bem como aprender uma nova atuação profissional, que além capacitar o doutorando, desenvolve, sobretudo, habilidades e competências para o sucesso profissional como futuro professor. Além disto, a realização do estudo também deixou evidente a necessidade de reconhecer que o conhecimento e a aprendizagem não são construídos isoladamente, requerendo por parte dos pós-graduandos um diálogo com seus colegas para troca de informações e experiências no sentido de serem capazes de refletir sobre suas ações.

Palavras-chave: Docência universitária. Estágio docente. Formação pedagógica. Instituições de cultura e preservação.

ABSTRACT

This article objective to present an experience report on university teaching in the Library internship of a Graduate Program in the area of Information Science. The discipline taught was called “Patrimony Institutions, Preservation Institutions”, whose objective was to show students the importance of patrimony institutions (archive, library and museum) as spaces of culture and preservation, as well as the convergences and divergences between them information units. The methodology for the development of this study was based on a descriptive-analytical study, type experience report on university teaching, conducted in the second semester of 2018, between August and October. The result achieved with the teaching internship made it clear that Science course of a Brazilian public university. This experience was experienced by a doctoral student in the teaching this activity allows the doctoral student a first contact with the teaching practice in higher education and the opportunity to develop didactic practices, relate to undergraduate students and discuss with the internship supervisor their experiences and expectations regarding the lived practice, as well as learning a new professional performance, which besides qualifying the doctoral student, develops, above all, skills and competences for professional success as a future teacher. In addition, the study also made clear the need to recognize that knowledge and learning are not built in isolation, requiring postgraduate students to dialogue with their colleagues to exchange information and experiences in order to be able to reflect about your actions.

Keyword: University teaching. Teaching internship. Pedagogical formation. Institutions of culture and preservation.

Artigo recebido em 27/03/2019 e aceito para publicação em 11/09/2019.

1 Professora no Programa de Pós-Graduação em Gestão & Tecnologia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: claudia_mavilhena@hotmail.com.

2 Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Professora no Departamento de Organização e Tratamento da informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: celiadiaz@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Instituições patrimoniais, instituições de preservação ou instituições de memória: arquivo, biblioteca e museu são espaços privilegiados para a pesquisa e a construção de saberes (THIESEN, 2009). Trata-se de lugares repositórios de bens culturais e patrimoniais a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. De acordo com Tanus (2014), as três instituições foram e são igualmente importantes para a construção social da história e da memória da humanidade. Usufruir de tais locais é se apropriar de nossa história, nossa memória e de nossa identidade, a fim de perceber a diversidade cultural, os diferentes tipos de patrimônios material e imaterial, as coleções bibliográficas, arquivísticas e museais.

Sob essa perspectiva, ministrar uma disciplina que evidencie a importância destes espaços de cultura como unidades de informação para alunos de graduação que lidam com a informação é imprescindível, uma vez irão trabalhar com massa documental e informacional todo o tempo. Neste sentido, o estágio de docência universitária para os estudantes de pós-graduação *stricto sensu* é “um lugar privilegiado para a compreensão e conhecimento da realidade profissional de ensinar” (MARTINS, 2013, p. 35). Essa destaca ainda que é necessário o desenvolvimento de uma cultura institucional em que o professor perceba suas necessidades de formação em relação à docência no intuito de se sensibilizar sobre sua ação pedagógica em sala de aula, visto que o ensino superior atua na formação e na capacitação de profissionais para exercerem funções ligadas à sua área de conhecimento.

O objetivo deste artigo é relatar a experiência de estágio em docência universitária junto aos alunos do curso de graduação em Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação – ECI da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, com o intuito de mostrar para o profissional da informação a importância das instituições patrimoniais (arquivo, biblioteca e museu) como lugares de memória e unidades de informação (convergências e divergências). O curso de Biblioteconomia da ECI/UFMG tem por objetivo capacitar o estudante como cientista da informação “[...] para atuar na organização e gestão da informação a partir da compreensão crítica do valor social, econômico, tecnológico, político e cultural do conhecimento” (UFMG, 2013).

A metodologia utilizada na disciplina ministrada teve como referência a literatura, discussões de textos, visitas técnicas e uma viagem técnica e cultural à cidade de Ouro Preto. O resultado alcançado com o estágio permitiu ao pós-graduando um primeiro contato com a prática da docência no ensino superior, tendo a oportunidade de desenvolver práticas didáticas, relacionar-se com alunos da graduação e discutir com o supervisor do estágio suas experiências e expectativas em relação a

atuação docente vivenciada, além de aprender uma profissão, capacitar-se e, sobretudo, desenvolver habilidades e competências para o sucesso profissional como futuro professor.

A título de conclusão, a prática vivenciada como docente evidenciou a necessidade de reconhecer que o conhecimento assim com a aprendizagem não são construídos isoladamente, mas, sim, requerem, por parte dos pós-graduandos, docentes em experiência nas universidades, um diálogo com seus colegas para troca de informações e experiências, orientação e direção pedagógica supervisionadas, estudo, interesse e compromisso. Para tanto, cabe ao pós-graduando/docente ser um profissional responsável, ético, maduro e sempre capaz de refletir sobre suas ações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Bellotto (2014), arquivos são instrumentos e ferramentas de informação que estão registrados em suportes, para que deles façam uso. Sua finalidade é servir à administração, disponibilizando informações contidas no acervo documental (PAES, 2007). Os arquivos têm três idades: a corrente, a intermediária e a permanente.

Os arquivos de primeira idade ou de idade corrente são aqueles arquivos em curso dentro de uma instituição. Os arquivos de segunda idade ou intermediários são aqueles documentos que já não são mais consultados frequentemente pelo órgão que o gerou, mas que ainda podem ser solicitados por este mesmo órgão. Por último, os arquivos permanentes ou de terceira idade, que são aqueles conservados pelo seu valor histórico ou documental, por meio dos quais se conhece o passado e sua evolução (PAES, 2007).

A Arquivologia é a área do conhecimento que se ocupa do estudo dos arquivos, portanto:

[...] a arquivologia, técnica candidata [a] ciência, ocupa-se dos arquivos tomados como conjuntos, como acumulações estruturadas de documentos gerados/acumulados por uma entidade no exercício das atividades que justificam sua existência, tratando de organizá-los, preservá-los e torná-los disponíveis à consulta (BELLOTTO, 2014, p. 206).

Desta forma, documentos de arquivos são indispensáveis, pois descrevem o conjunto de informações institucionais ou orgânicas (JARDIM; FONSECA, 2008; THIESEN, 2009). Isto reforça o que diz Fugueras *et. al* (2001, p. 13), que os arquivos [...] *colaboran muy directamente en la asunción, entre otros, de los valores de patrimonio público, memoria, identidad y conocimiento, [...]*.

Desse modo, a informação arquivística, que é produzida pelas entidades públicas ou privadas, contribui para o conhecimento social, proporcionando seu desenvolvimento.

No que tange à biblioteca, Lemos (2008) a coloca para além de repositório de materiais impressos. Esta instituição, sob o ponto de vista cultural, é um espaço de memória coletiva do grupo social e, por extensão, da própria humanidade (LEMOS, 2008). Neste sentido, a biblioteca vem servindo o ser humano no que diz respeito aos processos de organização, tratamento, preservação e disseminação da informação produzida na sociedade, diz Santa Anna (2018).

Para Ferraz (2014), a biblioteca, com sua importância social e sua atuação no século XXI, é fundamental como um espaço de diálogo e exercício de cidadania, além de ser um local de promoção cultural, na medida em que acolhe e articula as diferentes manifestações artísticas e culturais. Dito isto:

A mediação nas bibliotecas – principalmente nas bibliotecas públicas – é uma atividade que vai além da orientação sobre o uso do catálogo e das coleções. Envolve também acolhimento, orientação, aconselhamento, auxílio para a compreensão da organização do espaço e dos códigos para se utilizar dos espaços e dos instrumentos de pesquisa: catálogos, bases de dados etc. (ALMEIDA, 2016, p. 169).

Assim sendo, a Biblioteconomia, na condição de ciência do campo, é considerada, entre outros, como o conjunto dos conhecimentos profissionais referentes aos documentos, aos livros e à biblioteca (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). Para Smit (2000), a Biblioteconomia desenvolve a formação e o desenvolvimento de acervos, gerencia os recursos informacionais, cuida da representação e recuperação da informação, dos serviços ao usuário, da comunicação documentária e fundamentalmente da ação cultural desenvolvida nas bibliotecas.

Desse modo, Castrillón (2011, *apud* FERRAZ, 2014) almeja que a biblioteca se converta em um meio contra a exclusão social e se constitua em um espaço de encontro para debater sobre temas relacionados a maiorias e minorias, onde podem ser encontradas respostas a seus problemas e interesses e que lhe sejam mostradas novas perspectivas. Santa Ana (2018) propõe que a biblioteca seja um ambiente de socialização, de trocas de ideias e de experiências e espaços de convivência.

A biblioteca assim como o arquivo desempenham papéis primordiais no que se refere à democratização do acesso à informação, de forma a contribuir na formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

A respeito do museu e de seu papel social, logo vem à tona os objetos em exposição. É por meio destes objetos informacionais em exposição que o museu se torna um instrumento de educação, conhecimento, aprendizagem e de diálogo com a sociedade. Portanto, preservar no museu é sua função básica, coloca Bruno (1996). O ato de preservar em um museu, significa ver antecipadamente o risco da destruição do bem cultural. Preserva-se em museu com sentido de manter o bem cultural,

suporte de informação/documento, para que este seja comunicado à sociedade por meio da exposição museológica (CHAGAS, 1994).

Cury (2005) afirma que os objetos de museu e as coleções museais, na condição de suportes de informação/documento musealizados institucionalmente, só terão sentido quando estiverem expostos para o deleite e fruição da sociedade. Segundo Chagas (1994), é pela comunicação (exposição) do bem cultural preservado que emerge a condição de documento. Para tal, é necessário o processo de musealização em que ocorre “uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação” (CURY, 2005, p. 26). Este ponto se refere à Museologia que tem o interesse em organizar e conservar novas formas de informação pela elaboração de exposições e estratégias pedagógicas (BRUNO, 1996). Neste sentido, a Museologia:

[...] como conjunto de postulados teóricos e metodológicos já respondem ao fato de que cabe aos museus interrogar a Realidade, permitir que o público, simultaneamente, também interrogue a forma como está sendo apresentada pelos museus. Para tanto, torna-se fundamental que os museus não sejam instrumentos de dominação (CURY, 2005, p. 30).

Desse modo, museu é um local de descoberta, mas também um local de reflexão, podendo ser museu polimorfo, museu mundo, museu fórum, museu como um lugar de interpretação e de construção de significados, agente de transformação em rede, que se conecta de forma exponencial com outros elementos, bem como pode ser ainda vocacionado à construção do coletivo e à salvaguarda dos valores universais (FRANCO, 2019).

Para tanto, vale observar a mudança proposta por Anico (2005), em que o modelo anterior de museu, cujo centro das atenções eram os objetos de coleções e seus visitantes, para o modelo, cujo centro é o visitante na condição de consumidor e participe do museu. Neste sentido, Santos (2014) declara o rompimento com o modelo de museu instituído e o desejo de construção de museus comprometidos com o desenvolvimento social e local, em que “[...] os discursos museológicos devem acompanhar as transformações sociais e dos campos do conhecimento em jogo, além da necessidade de renovação para manter o interesse do público” (CÂNDIDO, 2014, p. 17).

Dessa maneira, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, como campos de conhecimentos específicos, dialogam com a Ciência da Informação do ponto de vista de uma perspectiva informacional. Conforme argumenta Araújo (2014, p. 153), “o imenso estoque de conhecimento acumulado nas três áreas permite identificar que elas possuem dimensões pedagógicas, comunicacionais, administrativas,

tecnológicas, entre outras.” Comumente, arquivo, biblioteca e museu têm como principais atividades a formação de coleções, preservação, tratamento da informação/documentação, informatização, mediação, comunicação e divulgação (ALMEIDA, 2016).

Em outras palavras, os processos da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, como áreas de conhecimentos específicos, devem ser entendidos também sob uma perspectiva informacional com estratégias, funções, diretrizes, pressupostos e técnicas para a salvaguarda e a divulgação dos suportes de informação/documentos em suas respectivas áreas de atuação.

Diante do exposto, torna-se imprescindível para o profissional da informação, neste caso, alunos do curso de Biblioteconomia, conhecer outras unidades de informação, assim como as práticas informacionais que ocorrem nestes espaços, “como um processo resultante de uma ação socialmente partilhada através de criticidade e autonomia”, com o intuito de perceberem convergências, aproximações, bem como divergências e distinções entre as instituições, de modo a refletirem de que maneira, na condição de futuros profissionais, podem contribuir para uma maior interlocução entre as três instituições (GOUVEIA JUNIOR, 2014, p. 82). Neste sentido, Leener (2012, p. 58), nos alerta, dizendo que “uma regra penetra tanto mais intimamente na consciência dos sujeitos à medida que é regularmente objeto de discussões”.

Assim sendo, à docência universitária é um processo de interação entre os sujeitos, professor e aluno, em um ambiente de aprendizagem, em que, juntos, realizam uma série de ações. Em sua tese intitulada “A formação do docente universitário no contexto da pós-graduação”, Mello (2002) afirma que é válido pensar a pós-graduação como espaço para o exercício da docência universitária, mas para tal efetivação é necessário repensar esse espaço como uma formação continuada. Para Masetto (2003), um lugar em que haja uma aprendizagem significativa buscando atingir intencionalmente objetivos definidos, encontra-se aí aula universitária.

Conforme Martins (2013), é importante identificar os saberes necessários para a realização da docência e enxergar a sala de aula da graduação como um lugar primordial de formação, articulação de saberes e de identidade com a profissão futura. Guarnieri (2005) destaca em seu estudo que o exercício da docência é condição para consolidar o processo de se tornar professor, ou seja, uma parte da aprendizagem da profissão só ocorre e só se inicia quando em exercício. Para a autora, a aprendizagem profissional acontece à medida que o docente vai efetivando a articulação entre o conhecimento teórico, o ambiente escolar e a prática em docência.

Isto posto, Behrens (2003, p. 7) afirma que:

O professor precisa superar a ação docente conservadora que propõe a reprodução do conhecimento, a cópia e a memorização, para ultrapassar a visão tradicional e subsidiar os professores para alicerçarem práticas pedagógicas num paradigma inovador que leve a atender a sociedade do conhecimento (BEHRENS, 2003, p. 7).

Seguindo a perspectiva acima, Antunes (2012) coloca que o principal papel do professor é interpretar seus alunos, não medi-los, acompanhar seus passos e jamais comparar seus desempenhos. Dado que “o professor é um ser social, constituído e constituinte de seu meio” (SILVA, 2005, p. 25). Ainda para esta autora, o professor atua como sujeito frente às suas formulações de objetivos e em suas estratégias de trabalho.

Por consequência, Giovanni (2005) declara que na relação pedagógica firmada em sala de aula, professor e aluno conduzem o processo de estudar a realidade que os cerca, de forma a compreender e elucidar sua própria forma de ser, pensar e agir dentro dela, bem como identificar novas possibilidades de pensamento e de ação. Logo, o exercício da docência com visão inovadora deve contemplar o espírito crítico frente à realidade circundante e com preparo para atuar como profissional ético e cidadão consciente, cuja missão maior é a busca da transformação da sociedade (SANTA'ANA; BEHRENS 2003).

Desse modo, Almeida (2005, p. 77) observa que:

O saber escolar deve superar os componentes tradicionais, lineares e sequenciais na relação que mantém com o conhecimento, possibilitando processos de resignificação às informações e aos aspectos da realidade aos quais o processo pedagógico está dirigido (ALMEIDA, 2005, p. 77).

Esta afirmação aponta para uma forma de contribuição para a formação pedagógica do pós-graduando/estagiário docente, bem como no futuro, como professor universitário.

3 METODOLOGIA

O desenvolvimento deste estudo teve por referência um estudo descritivo-analítico, tipo relato de experiência em docência universitária, conduzido no segundo semestre de 2018, entre os meses de agosto e outubro. Tratou-se de uma disciplina optativa, com carga horária de 30 horas, com encontros semanais em dia fixo. Este estudo foi conduzido pelo Departamento de Organização e Tratamento da Informação – DOTI - ECI, com os discentes de graduação do curso de Biblioteconomia da UFMG. Salienta-se que a disciplina teve como título Instituições patrimoniais, instituições de preservação, e foi ministrada no turno da manhã.

Cabe ressaltar que, durante o desenvolvimento do estágio supervisionado em docência, houve vários encontros com o professor responsável pela disciplina “Estágio em Docência Universitária”, com o orientador, bem como com os colegas pós-graduandos, que também estavam ministrando disciplinas referentes ao estágio, tendo tais encontros procurado abranger dúvidas, trocas de experiências, relatos ocorridos em sala de aula, conflitos e expectativas, o que contribuiu para a formação pedagógica dos novos alunos/docentes, pois “o trabalho do professor acontece em vários contextos específicos, as escolas, que possibilitam diferentes formas de interação, seja com os alunos, seja com os outros professores, seja com a comunidade” (FERNANDEZ, 2011, p. 188).

A base metodológica utilizada na disciplina foi aliar toda a teoria baseada na literatura à vivência prática pelos alunos. Na execução do estágio, foram desenvolvidas várias atividades relacionadas à docência do ensino superior, como planejamento e execução de planos de aulas, leitura crítica do componente curricular e de planos de aula, preparação de aulas teóricas, bem como a organização das visitas técnicas e da viagem à cidade de Ouro Preto. Considerando estas perspectivas, houve o entendimento da literatura pelos discentes por meio de leituras, trabalhos, seminários e discussões, seguidos sempre de visitas técnicas a instituições. Tal processo de visita a instituições se tornou elementar para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos num processo de construção e reconstrução contínuo, unindo teoria e prática em um contexto real, de maneira que a captação da realidade fosse caracterizada como uma etapa do conhecimento ora apresentado.

A disciplina contou com 14 graduandos. Os temas abordados foram selecionados segundo as necessidades de reconhecer as instituições de memória, suas convergências e divergências.

Durante os encontros em sala de aula, houve apresentação de trabalhos sobre arquivo, biblioteca e museu, seminários, discussão e debates em torno do assunto. Logo após cada apresentação, os alunos faziam uma visita técnica à instituição patrimonial, a princípio, discutida em sala. Os discentes foram ao Arquivo Público Mineiro, à Biblioteca de Obras Raras da UFMG, ao Acervo de Escritores Mineiros e, por último, fizeram uma viagem técnica e cultural à cidade de Ouro Preto, onde visitaram o Museu Casa dos Contos e o Museu do Oratório. A escolha pela cidade de Ouro Preto deu-se por sua importância nacional e internacional como uma cidade histórica e cultural, detentora do título de patrimônio mundial pela UNESCO, além do enriquecimento cultural e intelectual dos discentes. Para Nickel (2003), a formação do educador necessita centrar-se nas oportunidades de oferecer aos estudantes uma prática voltada para a realidade da sociedade, fato este que deixou os alunos bastante impactados não somente com a viagem, mas por estarem diante

de uma cidade da importância de Ouro Preto para a história nacional, visto que, dos 14 estudantes, 11 não conheciam a cidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo foram obtidos mediante o estágio em docência ministrado junto ao curso de biblioteconomia da ECI/UFMG, como já explicitado ao longo do texto. Todos os alunos eram estudantes do quinto período do curso de biblioteconomia, sendo que a maioria já havia feito estágio em alguma instituição, em arquivo ou em biblioteca, comprovando o interesse dos alunos em aliar a teoria à vivência profissional.

Compreender a aula como espaço e tempo de aprendizagem e de conhecimento por parte dos alunos modifica completamente o quadro (MASETTO, 2003). Isto foi exatamente o que ocorreu durante o percurso da disciplina, com alunos interessados e comprometidos, ávidos em apreender e, ao mesmo tempo, apresentar os trabalhos solicitados referentes às instituições, assim como na percepção durante as visitas técnicas, quando puderam vivenciar a realidade de perto para, em sala de aula, discutirem e refletirem sobre o papel, na condição futuros profissionais da informação.

De acordo com Montoya e Pacheco (2003), aprender é o foco central nas instituições educacionais da sociedade do conhecimento e isto implica que aprender permite a formação de um indivíduo autônomo, com capacidade para repensar e reconstruir o contexto social a que pertence.

A experiência com o estágio permitiu ao pós-graduando um primeiro contato com a prática da docência no ensino superior, tendo a oportunidade de desenvolver práticas didáticas, relacionar-se com alunos da graduação e discutir com o supervisor do estágio suas experiências e expectativas em relação a atuação docente vivenciada, além de aprender uma profissão, capacitar-se e, sobretudo, desenvolver habilidades e competências para o sucesso profissional como futuro professor. Na condição de profissional docente, a experiência também mostrou responsabilidade, comprometimento, preparo, estudo, conhecimento e capacidade de reconhecer que ser professor é antes de tudo ser um agente social transformador, condutor, ouvinte e mediador. Agente social transformador no sentido de estar apto a passar o conteúdo programático, contribuindo para a formação profissional, social e cidadã dos alunos, bem como rever a todo o momento suas ideias e conteúdo, atualizar-se sempre para conseguir trazer exemplos do dia a dia, os quais mantêm relação direta com a disciplina que está sendo ministrada. Um destes exemplos, foi o caso do incêndio no Museu Nacional na cidade do Rio

de Janeiro em 2 de setembro de 2018. A fatalidade ocorrida no Museu Nacional tornou-se um assunto apresentado e discutido em sala de aula com alunos. Neste caso, entre outros assuntos, foi trabalhada a perda de parte da memória e da história nacional do maior repositório de bens culturais, entre os museus do país, discutindo sobre os acervos do museu, os quais eram divididos em bibliográfico, científico e documental e, obviamente, sobre a evidente falta de políticas públicas voltadas para a conservação e preservação dos espaços de memória no país.

Ainda, a respeito das visitas técnicas feitas pelos alunos, eles também perceberam a diferença entre espaços públicos e espaços privados, ficando evidente a falta de investimentos na área patrimonial, pois, após cada visita, sempre no próximo encontro em sala de aula, os alunos entregavam o relatório de visita, seguido de debates e troca de opiniões sobre o que mais os impactara durante a visita e, assim, com efeito, eram abertos espaços para as devidas pontuações de cada estudante.

Por último, e não menos importante, os alunos tiveram uma palestra da renomada jornalista, escritora e museóloga Soraia Vasconcelos, intitulada “Em nome do livro: o livro como objeto emblemático na literatura”, oportunidade em que a jornalista faz um passeio pela literatura, combinando livros, bens culturais e história, tendo os estudantes identificado por meio da literatura mundial temas relacionados à Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia no que tange ao papel de cada uma destas ciências no tratamento, organização e disseminação de informações, por meio de livros, casos, contos, bens culturais, patrimônio, cartas, músicas e histórias.

Por fim, o resultado apontou que a disciplina atingiu seu objetivo geral, qual seja: mostrar para o estudante/profissional da informação a importância das instituições patrimoniais (arquivo, biblioteca e museu) como lugares de memória e unidades de informação, sendo importante frisar que atingiu tal mérito porque houve total interação entre os discentes e o docente, além do comprometimento e engajamento da turma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Docência universitária exercida por alunos de pós-graduação, durante os cursos de mestrado e doutorado, é uma experiência única e bastante oportuna. Neste momento da docência são desenvolvidos vários tipos de relação: primeiramente a com seu orientador, o qual mostra o caminho para a melhor execução dos trabalhos; em seguida, com a disciplina a ser ministrada, o seu planejamento, a sua organização, a sua montagem e a avaliação; ao mesmo tempo em que se dá a relação concernente

com os graduandos de respeito, diálogo, interação, autonomia e cordialidade. Assim, trabalhar com docência implica em estudar sempre, aprender coisas novas e comunicá-las a seus alunos como uma prática sistemática, com o intuito de atualizar os conteúdos que serão transmitidos. Portanto, o estágio constituiu-se como uma experiência enriquecedora e relevante na formação profissional docente, possibilitando várias oportunidades, caminhos novos e vivências na prática, além de colaborar para a formação de futuros profissionais.

Além disso, cabe ao pós-graduando/docente ser um profissional responsável, ético, maduro, capaz de refletir sob suas ações e acima de tudo isto, estar aberto e receptivo a críticas e sugestões.

Por fim, este novo educador/pesquisador necessita buscar informações para pesquisar, analisar, conhecer, criticar e argumentar fatos e ideias preconcebidas, que podem ou não contribuir para sua formação na qualidade de futuro professor. Para tanto, necessita reconhecer que o conhecimento e aprendizagem não são construídos isoladamente, mas, sim, requerem, por parte dos pós-graduandos, docentes em experiência nas universidades, um diálogo com seus colegas para troca de informações e experiências, orientação e direção pedagógica, estudo, interesse, compromisso e capacidade. Afinal, a docência universitária, além de abrir portas para trabalhar em outras universidades/faculdades, o mais importante para o professor universitário é o seu papel como referência para muitos estudantes, um trabalhador social que exerce sua função de maneira a contribuir para a formação da sociedade e do seu desenvolvimento. Responsabilidade social de qualquer professor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B de. Atribuindo significados à rotina escolar: a criatividade no desempenho de alunos e professores. In: GUARNIERI, M. R. **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência.** (Org.). 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, 2005. p. 77 – 89.

ALMEIDA, M. C. B de. Bibliotecas, arquivos e museus: convergências. **Revista Conhecimento em ação.** Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 163-185, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/2737/2807> . Acesso em 26 fev. 2019.

ANICO, M. A pós-modernização da Cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 71-86, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a05v1123.pdf> . Acesso em 26 fev. 2019.

ANTUNES, C. **Quanto vale um professor?:** reais ou imaginários, alguns imprescindíveis, outros nem tanto. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 278 p.

ARAÚJO, C. A.Á A proposta de aproximação entre as áreas. In: ARAÚJO, C. A.Á. ARAÚJO, C. A. Á. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2014. p. 152-153.

BEHRENS, M. A. Apresentação. In: BEHRENS, Marilda Aparecida (Org.). **Docência universitária na sociedade do conhecimento**. Curitiba, Paraná: Champagnat, 2003. p.7 – 14.

BELLOTTO, H. L. **Arquivo: estudos e reflexões/** Heloísa Liberalli Bellotto. Belo Horizonte: UFMG, 2014. 477 p.

BRUNO, M. C. Museologia: algumas ideias para sua organização disciplinar. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 9, p. 9-33. 1996. Disponível em: file:///C:/Users/CI%C3%A1udia/Downloads/291-1-922-1-10-20090613.pdf . Acesso em 26 fev. 2019.

CÂNDIDO, M. M. D. Os museus e sua atuação. In: CÂNDIDO, M. M. D. **Orientações para gestão e planejamento de museus**. Florianópolis: FCC, 2014. v. 3, capítulo 1, p. 17 – 24.

CASTRILLÓN, S. O direito de ler e de escrever. São Paulo: Pulo do Gato, 2011 *apud*

FERRAZ, M. N. O papel social das bibliotecas públicas no século XXI e o caso da Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais. In: FERRAZ, M. N. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 19, número especial, p. 18-30, out./dez. 2014. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2280/1486> . Acesso em: 26 fev. 2019.

CHAGAS, M. S. Em busca do documento perdido. In: **Cadernos de Sociomuseologia**. ULHT. n. 2. 1994, p.29-47. Disponível em: [http:// file:///C:/Users/CI%C3%A1udia/Downloads/534-1-1872-1-10-20090701.pdf](http://file:///C:/Users/CI%C3%A1udia/Downloads/534-1-1872-1-10-20090701.pdf) . Acesso em: 02 fev. 2019.

CUNHA, M. B da; CAVALCANTI, C. R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos / Livros, 2008. 451 p.

CURY, M. X. Processo de concepção e montagem de exposição. In: CURY, M. X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005. Capítulo 2, p. 49-115.

FERNANDEZ, C. M. O uso da autoconfrontação como instrumento possibilitador de desenvolvimento na formação continuada de professoras de línguas estrangeiras. In:

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. (Org.). **Atividade docente e desenvolvimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 187-208.

FERRAZ, M. N. O papel social das bibliotecas públicas no século XXI e o caso da Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais. In: _____. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 19, número especial, p. 18-30, out./dez. 2014. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2280/1486> . Acesso em: 26 fev. 2019.

FRANCO, M. I. M. Museus: agentes de inovação e transformação. In: FRANCO, M. I. M. **Cadernos de Sociomuseologia**. v. 57, p. 13-27, 2019, Disponível em: file:///C:/Users/CI%C3%A1udia/Downloads/6620-49-19732-1-10-20190120%20(1).pdf .

Acesso em: 25 fev. 2019.

FUGUERAS, R. A. I. *et. al.* Archivos, memoria y conocimiento. In: FUGUERAS, Ramon Alberch I (Org.). **Archivos y Cultura: Manual de dinamización**. Gijón (Asturias): Treas, 2001. p. 13 – 26.

GIOVANNI, L. M. Indagação e reflexão como marcas da profissão docente. In:

GUARNIERI, M. R. **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. (Org.). 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, 2005. p. 45 – 60.

GOUVEIA JUNIOR, M. O novo museu e a sociedade da informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v.19, n. 4, out./dez. 2014, p. 81-93. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v19n4/a06v19n4.pdf> . Acesso em: 25 fev. 2019.

GUARNIERI, M. R. O início na carreira docente: pistas para o estudo do trabalho do professor. In: GUARNIERI, M. R. **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. (Org.). 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, 2005. p. 5-24.

JARDIM, J. M; FONSECA, M. O. Arquivos. In: CAMPELO, B. S; CALDEIRA, PAULO DA TERRA. **Introdução às fontes de informação**. (Org.). 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008. v. 1, capítulo 7, p. 121-140.

LEENER, P de. A experiência do migrante: a aprendizagem como ruptura subjetiva. In: BROUGÈRE, G; ULMANN, Anne-lise. (Org.). **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012, p. 49-61.

LEMONS, A. A. Bibliotecas. In: CAMPELO, B. S; CALDEIRA, PAULO DA TERRA. **Introdução às fontes de informação**. (Org.). 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008. v. 1, capítulo 7, p. 101 – 120.

MARTINS, M. M. M. C de. **Estágio de docência na pós-graduação stricto sensu: uma perspectiva de formação pedagógica**. 2013. 135 p. Dissertação (Mestrado acadêmico em Educação) – Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: http://www.uece.br/ppge/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20UECE_M%C3%A1rcia%20Melo.pdf . Acesso em 25 fev. 2019.

MASETTO, M. T. Docência universitária: repensando a aula. In: TEODORO, Antonio. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia pela curiosidade da formação universitária**. São Paulo: Mackenzie, 2003. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/napecco/Abordagens/Masetto%20-%20Docencia%20Universitaria.pdf> . Acesso em 26 fev. 2019.

MELLO, R. M. A. V de. **A formação do docente universitário no contexto da pós-graduação**. 2002. 294 f. Tese (Doutorado em Educação). – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MONTOYA, I. K; PACHECO, M. Y de. Os desafios da Universidade na sociedade do conhecimento. In: BEHRENS, Marilda Aparecida (Org.). **Docência universitária na sociedade do conhecimento**. Curitiba, Paraná: Champagnat, 2003. p. 101 – 124.

NICKEL, F. A. Docência: desafios, enfrentamentos e conquistas. In: BEHRENS, Marilda Aparecida (Org.). **Docência universitária na sociedade do conhecimento**. Curitiba, Paraná: Champagnat, 2003. p. 61 – 84.

PAES, M. L. Introdução ao estudo dos arquivos. In: Marilena Leite Paes (Org.). **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 19-33.

SANTA ANA, J. A biblioteca universitária e sua intervenção no contexto social: fomentando práticas multifuncionais. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**. Brasília, v. 11, n. 2, p. 449-469, maio/agosto, 2018. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/89508> . Acesso em 25 fev. 2019.

SANTA'ANA, E; BEHRENS, M. A. Superação dos paradigmas conservadores na sociedade do conhecimento. In: BEHRENS, Marilda Aparecida (Org.). **Docência universitária na sociedade do conhecimento**. Curitiba, Paraná: Champagnat, 2003. p. 15 – 30.

SANTOS, M. C. T. M. Um compromisso social com a museologia. **Cadernos do CEOM**, -

UNOCHAPECÓ. v. 27, n. 41 – Museologia Social, p. 71-113, 2014. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2598/1525>. Acesso em 26 fev. 2019.

SILVA, R. C da. O professor, seus saberes e suas crenças. In: GUARNIERI, M. R. **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. (Org.). 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, 2005. p. 25 – 44.

SMIT, J. W. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia – O que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? In: SMIT, J. W. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e documentação**. São Paulo, Nova Série, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/399/373> . Acesso em: 25 fev. 2019.

TANUS, G. F de S. C. Arquivos, bibliotecas e museus: várias histórias. **BIBLOS**. Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 28, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/3784/3004>. Acesso em: 26 fev. 2019.

THIESEN, I. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaços de produção de conhecimento. In: GRANATO, Marcus (Org.). **MAST Colloquia Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas/ MAST**. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 61-82.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS. Escola de Ciência da Informação. **O curso**. Belo Horizonte , 2013. Disponível em: <http://colgradbiblio.eci.ufmg.br/o-curso> . Acesso em 08 de mar. 2019.